

Nota de Pesquisa

O intelectual como crítico epistemológico: a contribuição epistêmica do CEIMAM para a história indígena no MS

Jean Paulo Pereira de Menezes¹

O presente trabalho é parte inicial de uma pesquisa em andamento, junto ao Programa de Pós-Graduação de mestrado em História da Universidade Federal da Grande Dourados, no estado do Mato Grosso do Sul, sob a orientação do prof. Dr. Osvaldo Zorzato e a colaboração efetiva de outros pesquisadores da UFGD, UNESP e USP.

Entendemos que o trabalho intelectual é possuidor de suas problemáticas endógenas as quais podem ou não contribuir para a sua crítica autocrítica. Por crítica autocrítica entendemos o exercício que faz o intelectual (*especificamente os historiadores*) que postula considerações epistemológicas permitindo-se auto-avaliar e também ser avaliado, ou seja, criticado pelo outro sem o embargo da prática deste exercício².

Entre historiadores a crítica não se limita às fontes (“documentos”), estendendo-se também aos seus pares produtores da escrita da história, cada qual com seus preferenciais teórico-metodológicos postuladores de um objeto concreto ou abstrato na História. Diante deste contexto, os

¹ Mestrando em História, bolsista CAPES, UFGD-MS, sob orientação do Prof. Dr. Osvaldo Zorzato.

² DEMO, Pedro. *Intelectuais e Vivaldinos: da crítica acrílica*. São Paulo: ALMED, 1982.

intelectuais da história se digladiam cognitivamente um diante do outro³, mas vacilam por vezes ao não admitirem serem também objetos das mesmas críticas que produzem sobre o conhecimento.

A isenção ideológica apresenta-se neste bojo como portadora da infalibilidade intelectual do historiador diante de um objeto distanciando-o do romantismo e de possíveis deslizes por conta da moral que esta embute no intelectual. Ora, esta sentença seria verdadeira em absoluto se não fosse pelo fato de ela ser por si mesma uma possibilidade bastante inócua de se fazer absolutamente enquanto científica. Pois, não seria o discurso da isenção ideológica também uma manifestação moral da ciência? Assim entendemos que os postulados da produção intelectual não estão imunes as ideologias e seu código moral, não se levarmos em consideração que todo intelectual, historiadores e os demais cientistas sociais, fazem parte diretamente ou não de um recorte social e político que busca na universidade, seja o seu remanso particularista ou a sua plataforma ideológica de contestação e status acadêmico socializador da inteligência libertária.

A posição epistêmica do intelectual segue por variados referenciais, do positivismo ao pós-modernismo contemporâneo, passando também pelo estereótipo materialista dialético humanista.⁴ Assim, os intelectuais devem ser entendidos como uma massa cinzenta heterogênea catalisada pelas universidades, onde representarão a sua vontade de poder individual/grupal ao qual pertence, e mesmo a vontade de poder individual/coletiva.⁵ Ambas representantes de uma sociologia da ciência já que não se limitam à produção epistemológica apenas para o bel prazer, pois a fazem conscientes ou parcialmente conscientes de que representam um recorte social.

Evidentemente encontraremos na universidade uma vasta rede de tipos ideais de intelectuais, uns despreocupados

³ GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 5ª edição. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.

⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Ensaios; Bauru-SP, EDUSC, 2005.

⁵ DEMO, *Intelectuais e Vivaldinos...*

com a organização social, seja por representarem o recorte que se faz hegemônico da organização político-administrativa do Estado, ou, mesmo por estarem confortáveis diante da alienação política que lhes parece desinteressante acerca do interessante mundo das representações intelectuais as quais lhes garantem títulos e honrarias, além de um salário estatal para reproduzirem de forma técnica os elementos favoráveis à manutenção do grupo político que administra a coisa pública.⁶ Outros, preocupados com a organização social e a instrumentalização de um novo grupo hegemônico que venha a substituir a hegemonia vigente do estado. Referimos-nos ao intelectual orgânico de Antonio Gramsci. Dotado de um engajamento diferente do primeiro e que se pretende capaz de representar o recorte social que não se efetiva no poder por não possuir suas ideologias consolidadas na sociedade marginal como um todo.

Como podemos, *a priori*, apresentar, a universidade acaba por se enquadrar ou ser enquadrada como uma paisagem de defesa do intelectual orgânico seja ele o da ideologia do estado vigente ou daquela que visa à busca da hegemonia no atual Estado. Em ambos os casos, os intelectuais postulam a representação das massas populares, colocando-se em função de estudá-las e apresenta-las e mesmo de apresentar a elas o estudo que as representa na busca, seja pela manutenção da ordem vigente ou pela luta consciente de classes marginais rumo à hegemonia de um novo estado de coisas.

É neste espaço da produção intelectual científica que se encontra nosso objeto de estudo. É na universidade que órbita nossas preocupações também epistêmicas sobre a produção intelectual acerca da história indígena do Estado do Mato Grosso do Sul (MS), especificadamente acerca da contribuição do Centro de Estudos Indígenas Miguel Angel de Menéndez (CEIMAM) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Araraquara, localizada no interior do Estado de São Paulo, entre os anos de 1982 a 1992.

Inicialmente formado por um núcleo de intelectuais em 1982, o CEIMAM passa através de suas produções a divulgar

⁶ Idem

uma análise crítica sobre os povos indígenas do Brasil até então singular diante da paisagem desenhada anteriormente. A busca pela representação de minorias étnicas no espaço acadêmico e a preocupação de um olhar epistêmico engajado parece-nos marcar por mais de um decênio o viés de intelectualidade deste grupo acadêmico brasileiro. Também, *a priori*, somos convencidos de que o CEIMAM não foge a regra no que tange ao estereótipo de intelectual engajado e reproduzidor do seu viés epistemológico crítico, uma vez que a participação era integrada, inicialmente, principalmente aos discentes do curso de Ciências Sociais, mesmo que aberto aos interessados. Vejamos uma citação contemporânea do CEIMAM que se encontra atualmente no endereço eletrônico da UNESP de Araraquara:

Constituiu-se em abril de 1982 como Grupo de Estudos Indígenas 'Kurumim', passando a Centro de Estudos em agosto de 1986. O Centro é integrado principalmente por alunos do Curso de Ciências Sociais e está aberto a outros interessados. Reúne-se periodicamente para estudo e debates, com o objetivo de investigar a racionalidade dos sistemas adaptativos das comunidades indígenas e os problemas decorrentes do contato com as frentes de expansão da sociedade capitalista. As atividades do Centro vêm encaminhando alunos na definição de monografias de bacharelado, que integram pesquisa documental e pesquisa de campo em projetos que visam a recuperar a memória e identidade indígena. Promove anualmente uma Semana de Apoio à Causa Indígena e um Simpósio sobre o mito. Publica um boletim bimestral (TERRA INDÍGENA), distribuído principalmente à rede municipal de ensino, destinado a suprir, em parte, as deficiências de conhecimento a respeito do saber, da organização social e do modo de produção de sociedade não capitalistas. O Centro apóia a luta indígena pelo reconhecimento de seus direitos, denunciando invasões de territórios tribais e a destruição do meio ambiente.”(CEIMAM)⁷

A dificuldade de se desenvolver trabalhos por este viés

⁷ Disponível em <http://www.fclar.unesp.br/centrosdeestudos/> consultado em 20/03/2007.

metodológico na historiografia pode nos conduzir por caminhos realmente cambiantes se formos a guisa de um quadro teórico vulgar. E, se assim fosse, não estaríamos mais comprometidos com a constante busca da objetividade nos procedimentos dos trabalhos da ciência histórica, descendo a mesma octanagem de paradigmas postuladores e uma explicação absoluta ou apenas subjetiva sobre as representações existenciais de um tal *homo intellectus* na universidade.

Assim sendo, nosso trabalho sobre o CEIMAM e a sua contribuição para a história indígena do MS não se limita a enquadramentos paradigmáticos e sim a investigação coerente diante de uma responsável instrumentalização das fontes, de mão a um método lógico e uma teoria pertinente à realidade objetiva da produção epistêmica desenvolvida por intelectuais orgânicos.⁸

É importante notarmos que a produção crítica na universidade pública se presta à tentativa de inferir sobre o “patrão”, ou seja, o próprio Estado. Principalmente se esta crítica postula a produção e reprodução epistemológica da política indigenista diante da história dos povos indígenas no Brasil. Assim, temos em um primeiro momento a apresentação inicial de uma contradição do Estado que se configuraria com a idéia de manutenção da hegemônica ideológica que o reproduz, e, duplamente, pois ao mesmo passo, o Estado financia a existência daqueles que o postulam de forma reformática ou de forma imediata, a utopia de ruptura através da consciência de classe rumo a uma nova hegemonia.

Evidentemente que o CEIMAM não poderia ser identificado com tal facilidade, até mesmo simplista do contexto de produções orgânicas, pois a sua composição se faz heterogênea e catalisada em um Centro composto por intelectuais de diversas formações e que ao passar dos anos oitenta, como qualquer dinâmica dialética do conhecimento, vem se transformando incessantemente rumo a constante síntese do *vir a ser* intelectual.

Procuraremos então verificar, minimamente, qual é a

⁸ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8 edição: RJ, Civilização Brasileira, 1991.

formação teórica-metodológica dos principais contribuidores do CEIMAM entre os anos de 1982 a 1992, estendendo esta problemática inicial à intelectuais de outros Centros de estudo sobre história indígena e indigenismo no Brasil acerca da interlocução que realizam ou não com os intelectuais de Araraquara no sentido que cruzarmos dados e constituirmos um campo teórico que nos permita “inferir” sobre a contribuição epistêmica do CEIMAM sobre a história indígena no MS.⁹

Entre os intelectuais do CEIMAM que se configuram de maior permanência no Centro de Estudos, encontramos a Prof.^a Dr.^a Sílvia M. S. Carvalho, juntamente com egressos, identificados até o presente, que se preocupam em manter as teses iniciais apresentadas em sua revista bimestral intitulada “*Terra Indígena*”. Vejamos estas teses apresentadas nos boletins, neste caso, o boletim de novembro de 1984:

O GRUPO KURUMIM se propõe à:

1) Estudar a adaptação original das comunidades indígenas ao meio, a racionalidade de seus sistemas adaptativos (de caça/coleta e de agricultura de floresta) e o sucesso dos mesmos na obtenção dos meios de subsistência sem provocar desequilíbrios ecológicos. Estudar os problemas atuais decorrentes do contato com o branco e do avanço das frentes de expansão capitalistas.

2) Divulgar pelos jornais, escolas e outros meios, informações sobre o verdadeiro ÍNDIO DO BRASIL, tão mal conhecido pela população urbana que tem geralmente uma visão completamente deturpada dos indígenas.

3) Nessa divulgação, lutar pelo respeito dos direitos dos índios – mais velhos e verdadeiros donos do Brasil – constituindo-se o grupo em núcleo de apoio a COMISSÃO PRO-ÍNDIO DE SÃO PAULO, uma das entidades de defesa do índio que, ao lado do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e outros grupos, visam a preservação da população indígena, insistindo na criação de RESERVAS e PARQUES e denunciando a violação dos territórios tribais.¹⁰

⁹ CARVALHO, S. M. S. *Chaco: encruzilhada dos povos e “melting pot” cultural*. In CUNHA, M. C. da. História dos índios no Brasil. São Paulo, Fapesp/SMC/Companhia das Letras, 1992. pp. 457-474.

¹⁰ TERRA INDÍGENA. “Editorial”. *Boletim Terra Indígena*. CEIMAM-Araraquara, SP. Setembro, n. 28, Ano 1984.

O CEIMAM apresenta-nos um quadro de produções acerca da história terena, entre outras etnias, que nos permite hipotetizar que o boletim “*Terra Indígena*” constitui-se em uma materialidade intelectual de engajamento nos anos posteriores a década de oitenta no Brasil. Conjeturar, ou ainda, desenvolver esta hipótese é, *a priori*, nosso objetivo. Se observarmos os editoriais do boletim “*Terra Indígena*” poderíamos até mesmo estranhar as teses levantadas por um grupo de intelectuais da comunidade acadêmica (UNESP) que divide o mesmo espaço de trabalho com outros grupos intelectuais críticos do engajamento intelectual, ou seja, que apologizam a sua reprovação¹¹.

Ao observarmos o crescente discurso da “pós-modernidade” entre os intelectuais nas universidades públicas e privadas, *grosso modo*, contraditório à proposta iluminista de racionalidade científica, e também contrários a proposta racional de emancipação do materialismo histórico dialético, é de se estranhar, minimamente, a pretensão que identificamos no CEIMAM para a década de oitenta. Um estranhamento limitado se levarmos em consideração que nesta mesma década no Brasil se constituiu em um momento histórico onde as expectativas eram múltiplas e positivas sobre a democratização e a liberdade engajada de vários recortes socioeconômicos brasileiros.

Como podemos inicialmente apontar, estas teses presentes na publicação do boletim “*Terra Indígena*” de novembro de 1984 nos apresenta um ideal explícito de engajamento na luta em favor dos povos indígenas no Brasil. E, ainda uma preocupação acerca das frentes de expansão do capitalismo. Neste mesmo boletim de 1984, encontramos também o seguinte texto:

G. E. I. KURUMIM
CONTRA A LEI DE SEGURANÇA NACIONAL
PELO ÍNDIO - PELA DEMOCRACIA.¹²

¹¹ Entendemos que este tipo de comportamento por parte de grupos intelectuais também se constitui uma forma de engajamento.

¹² TERRA INDÍGENA. “Editorial”. *Boletim Terra Indígena*. CEIMAM-Araraquara, SP. Novembro. Ano 1984.

Observa-se, então, o engajamento explícito que era envolto grande parte dos intelectuais na década de 80 na luta pela redemocratização do país. Uma atitude que para muitos intelectuais orgânicos burgueses seria totalmente reprovável décadas depois no Brasil. Neste momento compartilhava-se, a guisa da democracia, a militância intelectual que se aglutinava em um complexo ideológico misto que viria a separar-se no decorrer da “abertura” política de 1985, definindo melhor o intelectual engajado e seus vieses diversos.

Ao instrumentalizarmos de forma exploratória alguns números do boletim “*Terra Indígena*” encontramos uma série de publicações sobre os Terena no MS, em especial o boletim de setembro de 1984, número 28, que consta o relatório da estadia do G.E.I. KURUMIM¹³ no Mato Grosso do Sul em setembro do mesmo ano, e, ainda o boletim de junho de 1990, número 55, totalmente dedicado aos Terena do Mato Grosso do Sul, entre outros boletins que apresentam uma bibliografia crítica sobre os Terena no MS.

A preocupação em pesquisar, preservar e divulgar é certamente o foco do editorial de junho de 1990. Confirmando, mesmo após a “redemocratização” as teses iniciais de engajamento intelectual encontradas no boletim “*Terra Indígena*” no início da década de 80.

Importante notar que neste mesmo período, digo, a década de 90, o discurso pós-moderno¹⁴ se direciona cada vez mais para a crítica de baixa octanagem aos intelectuais engajados, principalmente aqueles que propunham uma metodologia dialética da história (materialismo histórico), embora, *a priori*, este talvez não seja o caso do CEIMAM.

No desenvolver das leituras iniciais, problematizamos em que medida o CEIMAM, especificadamente, o boletim “*Terra Indígena*”, não é um espaço materializado que apresenta-se aos intelectuais como uma paisagem acadêmica alternativa à produção de trabalhos singulares sobre a história indígena

¹³ Inicialmente o CEIMAM se chamava Grupo de Estudos Indígenas Kurumim (GEI Kurumim), passando a partir de 1986 a se chamar Centro de Estudos Indígenas Miguel Angel de Menéndez, fazendo alusão à um de seus colaboradores e fundadores. (CEIMAM)

nas universidades brasileiras? Se esta primeira problematização for verificável, continuamos com outras problematizações necessárias para podermos contribuir para um melhor entendimento do que este fenômeno significa para a comunidade acadêmica e para os Terena que se constituíram em seu objeto. Se “*Terra Indígena*” é um espaço singular da intelectualidade em São Paulo acerca da produção acadêmica, qual é o seu viés? Qual é o quadro teórico-metodológico que norteia suas produções sobre os Terena do MS?

Sobre as comunidades indígenas no Brasil é possível observar uma série de trabalhos especulativos,¹⁵ principalmente pelos jornais e revistas, tratando as sociedades indígenas como verdadeiros objetos folclóricos e com comentários superficiais que estão longe de abordarem a sua essência, até mesmo por não possuírem intelecção para discernirem as acepções de essência e superfície em determinados fenômenos. E no que tange à uma das proposições do boletim “*Terra Indígena*” (a sociedade capitalista), em que medida o processo de aceleração cultural está sendo analisado apenas em sua superfície pelos intelectuais? Qual seria a essência das problemáticas que levam o CEIMAM a desenvolver uma interlocução com os Terena e os demais grupos indígenas?

Ao observarmos a questão do índio no Brasil, entendemos que a essência de seus problemas é também a mesma que gera a marginalidade sociocultural e exploração econômica ainda no século XXI em outros recortes socioculturais.¹⁶ A apropriação das riquezas, do trabalho e dos ideários de cosmos é característico do elemento propulsor da transfiguração étnica, do etnocentrismo e da crise identitária na pseudo pós-modernidade que reifica a proposta unilateral da modernidade iluminista para consolidar a idéia de que a interligação entre os povos é algo natural e harmônico, inclusive para as comunidades indígenas integradas à sociedade envolvente capitalista.

¹⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Ensaios; Bauru-SP, EDUSC, 2005.

¹⁵ EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. 2003. “Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnohistória”. *Prosa*, Campo Grande, 3(1):39-47.

Esperamos poder desenvolver uma análise mais precisa destes apontamentos com o manusear e organização das fontes, pois limitamo-nos ao inicial de uma pesquisa bibliográfica que caminhará pelo curso das fontes investigadas, até então, sumariamente analisadas para este ensaio de introdução monográfica sobre o CEIMAM e a aborgem intelectual sobre os Terena do Mato Grosso do Sul.

Referências

- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Ensaios; Bauru-SP, EDUSC, 2005.
- CARVALHO, Edgar de Assis. *As Alternativas dos Vencidos. Índios Terena no Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- CARVALHO, S. M. S. *Chaco: encruzilhada dos povos e "melting pot" cultural*. In CUNHA, M. C. da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp/SMC/Companhia das Letras, 1992. pp. 457-474.
- CARVALHO, Silvia M. S. , Fernanda. GALAN Maria Cristina. *Bibliografia crítica dos povos Aruák do Mato Grosso do Sul e do Grande Chaco*. São Paulo, Editora Terceira Margem, 2001.
- DEMO, Pedro. *Intelectuais e Vivaldinos: da crítica acrítica*. São Paulo: ALMED, 1982.
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. 2003. "Sobre os conceitos e as relações entre história indígena e etnohistória". *Prosa*, Campo Grande, 3(1):39-47.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. 5ª edição. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
- _____. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8 edição: RJ, Civilização Brasileira, 1991.
- TERRA INDÍGENA. "Editorial". *Revista Terra Indígena*. CEIMAM-Araraquara, SP. Junho, n. 558, Ano 1990.
- TERRA INDÍGENA. "Editorial". *Revista Terra Indígena*. CEIMAM-Araraquara, SP. Junho. Ano 1990.
- TERRA INDÍGENA. "Editorial". *Boletim Terra Indígena*. CEIMAM-Araraquara, SP. Novembro. Ano 1984.
- TERRA INDÍGENA. "Editorial". *Boletim Terra Indígena*. CEIMAM-Araraquara, SP. Setembro, n. 28, Ano 1984.

**O intelectual como crítico epistemológico: a
contribuição epistêmica do CEIMAM para a
história indígena no MS**

Jean Paulo Pereira de Menezes

Resumo: Este trabalho pretende apresentar o desenvolvimento de uma pesquisa em andamento no PPGH/ UFGD-MS sobre a ação de um grupo diverso de intelectuais acerca da história indígena no Brasil, elencando aportes de uma possível análise sobre o engajamento na década de 80 no Brasil.

Palavras-chaves: Engajamento Intelectual ; História Indígena; CEIMAM.

Abstract: This paper aims to present the development of a research in progress in the PPGH / UFGD-MS on the action of a diverse group of intellectuals about the history of indigenous peoples in Brasil, listing contributions of a possible analysis on the engagement in the 1980's in Brazil.

Key words: Intellectual Engagement; History of Indigenous Peoples; CEIMAM.

Recebido em 04 de junho de 2007

Aprovado em 20 de novembro de 2007